



A ARTE DE LIDAR TOUROS

O culto ao touro e os rituais que lhe estão associados, sobreviveram, no nosso território, ao passar dos tempos. Cresceram com o domínio romano e mantiveram-se durante a presença árabe. Na Idade Média enraizaram-se.

No século XI os touros eram mortos com flechas, lanças e facas, sendo os seus matadores conhecidos por *matatoiros*. Estas lutas evoluíram depois para o toureio a pé.

Para além destes, ou de outros jogos de vida e de morte, o contacto do homem com o touro ter-se-á também estreitado com a caça e a arte da *montaria*, desporto predilecto de nobres e reis. O rei D. Duarte no seu livro *A Arte de bem cavalgar toda a sela*, dá-nos a conhecer técnicas de luta com touros, baseadas no conhecimento do comportamento deste animal.

Do combate com o touro passou-se à sua lide a cavalo, manifestação ligada ao culto do belo e da coragem, transformada, progressivamente, na arte de tourear.

A nobreza e os próprios monarcas renderam-se a esta arte de alancear touros e, de D. Sancho I a D. Pedro II, ficaram para a história alguns episódios de perícia e bravura.

A festa dos touros evoluiu e enraizou-se. A tourada fez-se portuguesa, enalteceu-se com os forcados e definiu as suas regras.

Os touros aperfeiçoaram-se, inovou-se a arte de lidar e o público, pilar essencial desta festa, nunca deixou de comparecer, cimentando assim esta tradição.

